

CENA DA ESCOLA, 1960



Numa instrução politicamente dirigida e autoritária, como a do período do Estado Novo, a palmatória reencontrou as condições necessárias para se afirmar reforçando a sua importância de alicerce dos bons hábitos.

Museu Escolar de Vouzela

Coleção Museológica
O Património Escolar



ASSOCIAÇÃO
D. DUARTE DE ALMEIDA



Agrupamento de
Escolas de Vouzela

2013/2014

Museu Escolar de Vouzela

**Sistema Educativo
Português
no Período do Estado
Novo (1933-1974)**

A “MENINA
DOS 5
OLHOS”





“PALMADA EM CASA, PALMATÓRIA NA ESCOLA”

A palmatória começou o seu legado no séc. XVIII através do Marquês de Pombal que com o estabelecimento das chamadas “aulas régias” inseriu as palmatórias como recurso disciplinador. Esta fez um século ao serviço do professor. Sobrevivendo a novas correntes pedagógicas e tendências educativas, pairou no imaginário do Ensino Primário e mostrou-se sempre disponível como instrumento da manutenção da ordem e sanção.

Perante um ensino assente na memorização a larga maioria dos professores não largava o recurso à violência e à palmatória. Por isso, a infância e a juventude portuguesa aprendiam, regra geral, à base do castigo físico e da coação moral.

A palmatória conhecida também por fêrula, Santa Luzia ou vulgo Menina dos 5 Olhos, é um artefacto de madeira formado por um círculo e uma haste de múltiplos nomes mas com um só significado: sanção disciplinadora.

Algumas palmatórias continham 5 furos no círculo que servem para vencer a resistência do ar e aumentar a velocidade do golpe.



“A glorificação da palmatória”

A palmatória vista como símbolo da profissão do professor, granjeou defensores ainda nas vésperas das Revolução Liberal (1820), nas camadas mais conservadoras da sociedade portuguesa que defendiam um ensino autoritário. A mentalidade da época atribuía à escola um papel de poder e domínio sobre as crianças pretendendo formá-los dentro de cânones de submissão. Apesar das reformas educativas posteriores, a I República envergando a bandeira da educação procedeu a inúmeras leis, preocupados com o estado da educação no país. Porém, apesar de assente um regime laico e mais tolerante, a palmatória passou incólume a sucessivas reformas.

De tal modo, que acabou por chegar ao ensino do Estado Novo e ver o seu papel exponenciado transitando, já com menor estatuto, para o ensino na década de 80, séc. XX.

*“ Não há cousa melhor que a palmatória,
Que faz juízo ter e ter memória;
Faz ter entendimento e ter vontade
Faz estudar, faz ter capacidade
Faz ter bom modo, boa cortezia
Bom génio ter; fazer boa harmonia:
Ella tira a preguiça, tira teimas,
Desgasta as presumpções, extingue as fleumas
Desperta todos os cinco sentidos,
Quando o menino os tem adormecidos (...)
He uma panaceia universal
Que sabe curar bem a todo o mal
Deve ser celebrado em nossa história,
Aquele que inventou a palmatória.”*

(Coutinho, 1818)

A análise deste poema permite reconstituir a mentalidade de algumas fações da época, defensoras de uma educação tradicional. Constatamos, inquietantemente, a forma como a palmatória, no séc. XIX, que sob um sistema educativo tradicional e autoritário funcionou como “utensílio pedagógico”, atribuindo-lhe um papel extremamente útil e necessário à formação e disciplinação das crianças. No entanto, mais inquietante ainda é verificarmos que este mesmo “instrumento de terror” atravessou séculos e gerações como o estatuto de “bem necessário”!...

“Dar a mão à palmatória”

A origem da expressão popular deu-se por punições aos alunos que cometiam erros e por castigo eram levados a estender as mãos e submeterem-se a palmadas nas mãos. Esta punição era feita com um artefacto de madeira: a palmatória. Contudo, ao contrário do que se pensa, a palavra palmatória não deriva de palma (mão) mas da matéria que a constitui, a madeira da árvore de palma.

Desta expressão apreende-se o reconhecer dos próprios erros.

